

'Também quero ficar feliz. Quero momentos em que eu me sintam bem cantando'

Djavan comenta como é equilibrar a equação entre as canções que os fãs querem ouvir e o que ele deseja cantar nas apresentações ao vivo

LUCAS BRÊDA Folhapress

Djavan está sentado no meio da pista da Farmasi Arena, casa de espetáculos da Barra, sem público. O palco de sua próxima turnê, "Djavanear 50 anos. Só Sucessos", está todo montado, com sua banda em ação. Com um microfone em mãos, o cantor dirige à distância o conjunto no 39º ensaio do novo show. "Essa confusão é até boa, sabia?", ele diz, após ser alertado por Paulo Calasans, veterano pianista de sua banda, de que os tambores na introdução de "Sina" não estavam em sintonia com os outros instrumentos. Não adiantou. Djavan manteve a escolha estética mais ruidosa. "Não tem problema nenhum. Essa confusão eu adoro. Vamos de novo para ver como fica?"

Aos 77 anos, o artista alagoano, um dos grandes da história da MPB, quer botar alguma confusão em uma turnê que é praticamente um jogo ganho. Com estreia marcada para São Paulo nesta sexta-feira (8), no estádio Allianz Parque, a turnê é um raro momento em que Djavan se permite revisitar os muitos sucessos de seus 50 anos de carreira. Sem parar de lançar discos de inéditas, a cada três ou quatro anos, e fazer turnês para promovê-los, ele acha até difícil montar um repertório só com suas canções mais conhecidas.

"Tem uma música ou outra que forcei a barra para cantar, porque eu estava precisando cantar alguma coisa que não fosse tão manjada", ele afirma, minutos após o ensaio de mais de duas horas, já no camarim.

A dificuldade, diz Djavan, é desenhar um roteiro "que corresponda ao objetivo central, mostrar ao povo o que ele quer ouvir", e ao mesmo tempo motivá-lo enquanto artista. "Antes tem eu", diz. "Também quero ficar feliz. Quero momentos em que eu me sintam bem cantando."

Por essa razão, ele convidou algumas penetas para a festa de gala - há três lados B escondidos no meio do repertório que beira as 30 faixas. São elas "Cordilheira", que ele nunca apresentou ao vivo, "Me Leve", que ele cantou pouquíssimas vezes em shows, e "Quase de Manhã", a que ele mais quer interpretar.

Essa última foi lançada em

“Tem uma música ou outra que forcei a barra para cantar, porque eu estava precisando cantar alguma coisa que não fosse tão manjada” **DJAVAN**

1986, em "Meu Lado", disco que Djavan define como complicado. Ele havia gravado e mixado o álbum nos Estados Unidos, mas quando voltou ao Brasil e ouviu, detestou o resultado. "Cheguei na Sony e disse 'quero mixar de novo'. Eles quase enlouquecem, né? Mixei de novo e a que saiu foi a feita aqui."

"Quase de Manhã" teve participação do respeitado saxofonista David Sanborn, que tocou com Stevie Wonder e David Bowie.

Djavan, depois, em 1989, tocou com ele no programa Sunday Night, exibido nos Estados Unidos pela NBC. A performance da canção "Asa", curiosa por mostrar os músicos americanos tentando dialogar em alto nível com a musicalidade do alagoano, hoje tem milhões de views no YouTube e ressurge de tempos em tempos nas redes sociais.

Por que ele escolheu especificamente essas três músicas? "Não sei. É uma obra tão grande, onde

o próprio lado B já não é tão B quanto já foi, né?", afirma o cantor. "A 'Quase de Manhã' foi [minha] grande conquista, porque ninguém queria - nem o pessoal lá de casa. Não é tão conhecida, mas é animada, tem um astral. E me alegra muito tê-la, porque fica muito burocrático para mim se não tiver essas tangentes."

Isso não significa que Djavan não se divirta cantando seus hits 'pelo menos em algumas ocasiões. Se este repórter fosse até a casa do

cantor, ele diz, com certeza não o ouviria cantando "Flor de Lis", mesmo que pedisse muito. "Não teria a menor motivação."

Mas em cima do palco para milhares de pessoas - caso da próxima turnê, que passa por estádios e grandes arenas -, a história é outra. "Porque não só tem a emoção do público, como a participação dele, que me motiva muito", diz o cantor. "A música não perde a motivação porque o povo não deixa. Cantar 'Flor de Lis' para cinco ou 50 mil pessoas é um espetáculo, uma maravilha. Aquilo se transforma."

Como "Flor de Lis", um dos grandes hits de Djavan, há várias outras. O show vai de "Samurai" a "Eu te Devoro", de "Oceano" a "Açaí", de "Azul" a "Lilás". Tantas que não coube tudo. Entre as suas músicas mais tocadas no Spotify e mais gravadas no Ecad, algumas poucas ficam de fora, casos de "Uma Brasileira", "Faltando um Pedaco", "Esquinas" e "Capim".

Essa última é uma das várias que foram ensaiadas e acabaram fora do repertório. Mas ela ainda pode pintar em algum dos próximos shows. Para Djavan, o roteiro de uma apresentação só fica definido após duas ou três datas de turnê adentro.

É pouco provável, no entanto, que o cantor deixe de tocar os dois singles de "Improviso", seu álbum mais recente, lançado no ano passado. São eles "Um Brinde" e "O Vento", esta última uma composição do artista gravada por Gal Costa em 1987, e que agora ele deu sua interpretação. Isso porque o disco acabou ficando sem uma turnê correspondente, atropelado pelo giro de 50 anos.

Celebrar a própria trajetória não é algo comum para Djavan, mas ele tem um sentimento de gratidão por alcançar a efeméride. Ele sente como uma dádiva o fato de ainda ter uma voz potente, que resistiu a exaustão de dois meses de ensaios de até quatro horas de duração, isso em meio a uma série de exercícios físicos e de preparação vocal.

"São 50 anos de carreira, e estou inteiro. Estou mentido?", ele diz. "Minha felicidade de estar nesse momento agora deve-se muito ao fato de eu ter uma saúde maravilhosa, e a minha voz estar boa. É um presente de Deus."

Ainda assim, perguntado se queria contar alguma história da sua vida com o roteiro do show, Djavan riu e disse que "não precisa". "Tem esse negócio [o musical 'Vidas para Contar'] que está aí fazendo sucesso. Agora estão querendo fazer um filme. Não me deixam em paz com esse negócio. Não, não precisa."

A história que a ordem das músicas conta, ele afirma, não é linear, cronológica e nem relacionada a sua vida pessoal. A estrutura, com telões de grande dimensão